

ARTIGO

A GEOGRAFIA NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO: DECOLONIZANDO ESTEREÓTIPOS REPRODUZIDOS PELO LIVRO DIDÁTICO

Glemilson Moraes Pascoal¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender o conteúdo abordado sobre a América Latina no livro didático, identificando o processo de dominação colonial-europeia na região, discutindo a diversidade sociocultural latino-americana e analisando os principais temas recorrentes da América Latina no livro didático. Mas, afinal, de que forma o livro didático aborda os conteúdos da América Latina? Para entendermos essa pergunta, basta compreendermos que a América Latina é vista como uma região homogênea carregada de estereótipos e preconceitos. Diante disso, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, por meio de revisão bibliográfica e da análise do livro didático. Esta pesquisa revela-se importante para desmistificar todo imaginário pejorativo e negativo da América Latina nos livros didáticos de Geografia e visa desconstruir o pensamento eurocêntrico reproduzido no livro. Constatou-se que o livro analisado não apresenta estereótipos, nem preconceitos, não chega a ser pós-marxista ou realizar uma abordagem decolonial, mas em compensação os aspectos positivos sobressaem-se em relação aos negativos, indicando um bom material para estudos e para construção do processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: América Latina. Perspectiva Eurocêntrica. Colonialidade do Poder. Livro Didático. Estereótipos.

1 INTRODUÇÃO

A América Latina é geralmente descrita nos livros didáticos como uma região homogênea que apresenta altos índices de violência e criminalidade e piores indicadores

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado do Pará - UEPA, Campus XPA. E-mail: glemilsonmp@gmail.com

socioeconômicos. Essa caracterização negativa e estereotipada da região reflete uma visão de mundo ainda colonial e eurocêntrica. Visão associada à imposição e dominação de um padrão dito “universal” em relação a tudo aquilo que está subordinado a ele. Dessa forma, todos os sujeitos e povos que não se enquadram nesse padrão foram impostos, submetidos e obrigados a seguir esse modelo que hoje é conhecido como colonialidade.

O imaginário colonialista é uma marca registrada nos livros didáticos, seja por meio de informações, imagens, expressões ou termos usados pejorativamente. Por isso, o livro acaba reforçando ideias e concepções equivocadas sobre a região. Mas, afinal, de que forma o livro didático aborda os conteúdos da América Latina? Esta questão será respondida ao longo deste artigo, considerando os critérios selecionados e análise do livro didático examinado.

Este artigo tem como objetivos: compreender o conteúdo abordado sobre a América Latina no livro didático; identificar o processo de dominação colonial-europeia na região; discutir a diversidade sociocultural latino-americana, analisando os principais temas recorrentes da América Latina.

O tema deste artigo revela-se importante para compreender a região a partir de um novo olhar. Um olhar que visa desmistificar, desconstruir ou reconstruir a história negada aos personagens que foram supostamente colocados como sujeitos “sem cultura” ou de culturas ditas “inferiorizadas”, retratados como indivíduos desvalorizados e subvalorizados. Por fim, no artigo busca-se repensar o papel do livro didático de geografia nos temas recorrentes sobre a América Latina.

O estudo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica, em que se buscou como embasamento teórico autores que tratam sobre a colonialidade, a América Latina, a função do livro didático, entre outros. Destaca-se nessa pesquisa a contribuição de pesquisadores renomados como Aníbal Quijano (2000, 2005), Edgardo Lander (2006), Porto-Gonçalves e Quental (2012), Circe Bittencourt (1998). A pesquisa tem como caráter uma abordagem qualitativa, mediante à análise dos temas recorrentes da América Latina no livro didático e de uma exposição minuciosa dos dados, informações e dos critérios selecionados pelo pesquisador.

Podem-se antecipar algumas conclusões, afirmando de antemão que os critérios avaliados no livro didático indicam que o material examinado apresenta uma abordagem simples, adequada para o público alvo - estudantes do 8º ano do ensino fundamental, exploram recursos verbo-visuais, tratam diferentes temas com naturalidade e sem usos de preconceitos e estereótipos, mas carecem de problematização e aprofundamento de determinados temas trabalhados no livro. Em geral, este livro não é bom exemplo de abordagem pós-marxista ou

decolonial, pois falta um maior detalhamento e aprofundamento de temas que se dediquem à versão não contada dos sujeitos “invisíveis” da chamada “história universal”, mas em compensação os aspectos positivos são bem mais numerosos em termos quantitativos e bem mais enriquecedores em termos qualitativos.

A estrutura do artigo está dividida em três partes. A primeira parte é destinada às construções concebidas pelo viés eurocêntrico: a ideia de raça, modernidade e colonialidade do poder. Na segunda parte, discute a diversidade sociocultural da América Latina, baseando-se em levantamentos histórico-espaciais, tendo como foco os povos originários da América Latina e das estratégias de dominação colonial-europeia. Na terceira e última parte foi apresentado o livro didático, no qual foram selecionados critérios para dar embasamento à análise da pesquisa e da temática exposta neste artigo.

2 A PERSPECTIVA EUROCÊNTRICA NO LIVRO DIDÁTICO: MODERNIDADE, RAÇA E COLONIALIDADE DO PODER NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

Tudo o que foi produzido, criado e pensado da dita “história universal” é uma imposição da cultura europeia sobre os povos não europeus, inclusive:

Trata-se na realidade de um dispositivo epistemológico mediante o que se oculta ao sujeito do conhecimento dominante do mundo colonial-moderno; um sujeito europeu, branco, masculino, de classe alta e pelo menos uma apresentação pública, heterossexual. Todos os outros, (mulheres, negros, índios, não europeus) são convertidos mediante este dispositivo em objetos de conhecimento, em não europeus, em seres incapazes de criar um conhecimento válido (LANDER, 2006, p. 241).

Os livros didáticos são objetos de representação do discurso colonial-europeu. Um dos conteúdos recorrentes no livro de geografia, mostrado sob a capa da perspectiva eurocêntrica, a América Latina é representada geralmente como uma região homogênea, com piores indicadores socioespaciais, rodeada de violência de todos os tipos e de intensa circulação do tráfico de drogas. Tal classificação da América Latina é supostamente uma visão negativa da região, sobretudo, o padrão mundial que foi imposto como “único” e “verdadeiro” inicia-se com a chegada dos colonizadores europeus no continente americano.

O “surgimento” da América foi considerado o marco da história mundial, como afirma Lander (2006): “Nunca houve empiricamente História Universal, antes de 1492 (como data início da decolagem do ‘Sistema-mundo’)”. Anteriormente a esta data os impérios ou sistemas culturais coexistem entre si. De modo análogo, Quijano (2005) parte do princípio de que a América é o primeiro espaço-tempo em estabelecer um padrão de poder mundial, sendo a

primeira identidade da modernidade.

O mito da modernidade é, antes de tudo, um instrumento de hegemonia e dominação cultural em detrimento de povos considerados “inferiores” ou subversivos. A modernidade não é exclusiva do europeu, mas um processo inserido no sistema-mundo moderno-colonial e nas relações assimétricas que a Europa institui sobre as demais regiões mundiais (PORTO-GONÇALVES; QUENTAL, 2012).

A modernidade sozinha não tem força para sustentar a dominação euro-colonial. Um outro elemento, o critério básico para dominação de poder entre os distintos povos que foram enquadrados nas características europeias, foi, sem dúvida, o critério racial. Segundo Quijano (2005):

A ideia de raça, em sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado com referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos (p. 107).

Na América Latina, a ideia de raça foi uma maneira de legitimar e outorgar uma imposição cultural do colonizador ao colonizado, criando elementos novos e redefinidos outros, como por exemplo, os índios, negros e mestiços (*ibidem*). A determinação da raça como o principal critério de dominação entre distintos povos foi chamada por Quijano (2002) de colonialidade de poder. A colonialidade do poder é um padrão do sistema mundo moderno-colonial que expressa uma dominação/exploração das culturas não brancas ou não europeias que perdura mesmo com o fim do colonialismo, estaria arraigado ao pensamento dominante como aquele que auto se definiu como legítimo e verdadeiro.

Nesse aspecto, a colonialidade do poder está no modo de pensar, vestir, comportar, etc. No livro didático, a colonialidade está presente nas descrições silenciadas de indivíduos e grupos de indivíduos cuja história foi apagada ao longo do tempo. O livro não nos mostra a visibilidade desses sujeitos, nem mesmo evidencia outra versão que não foi contada nos livros escolares das diferentes disciplinas que constituem no currículo escolar.

3 DIVERSIDADE SOCIOCULTURAL DA AMÉRICA LATINA: REPENSANDO A DOMINAÇÃO EUROCÊNTRICA NO TEMPO-ESPAÇO

Nesta seção será discutida a diversidade sociocultural da América Latina a partir de criações pré-concebidas do imaginário latino-americano, consolidado pelo viés colonial-eurocêntrico. Desde já será retomado um retrospecto histórico-espacial dos povos e culturas classificados como “primitivos” ou “ultrapassados”. Nesse grupo, incluem-se os indígenas,

africanos e mestiços como nomenclaturas impostas pelo “conquistador” europeu que submeteram a sócio-diversidade desses grupos heterogêneos à classificação reducionista e generalizante.

O primeiro foco desta discussão refere-se aos povos originários da América que surgiram aproximadamente há mais de 15.000 anos, ou seja 30.000 a 70.000 anos mais tarde do que os outros continentes (MOYA, 2018). Esses povos eram provenientes do nordeste da Ásia, se espalharam por todo o continente e desenvolveram distintas sociedades, vivendo boa parte dos imigrantes na América Nuclear (Mesoamérica e nos Andes Centrais), correspondendo a 9% do hemisfério (ibidem).

Os povos originários da América (Maias, Incas, Astecas, Tupinambás, Guaranis, Aruaques, Aimarás, Jês, Xavantes, Tapajós, etc.), eram conhecedores da astronomia, realizaram complexas e desenvolvidas cidades monumentais, utilizavam técnicas de irrigação, desenvolveram a noção do “zero”, cultivavam batata, cacau, quinoa, tomate, entre outros. Tudo isso foi “apagado” e “mascarado” pelos invasores europeus. O contato entre os europeus e “indígenas” não aconteceu de forma pacífica e harmoniosa, nem houve trocas de conhecimento mútuo, como indicam Battestin, Bonatti e Quinto (1999):

A chegada dos colonizadores ou ‘invasores’ dos territórios latino-americanos, evidencia que não ocorreram trocas de saberes e culturas, muito menos de objetos, o que ocorreu, foram alianças que faziam parte do Projeto Colonialista e Expansionista (p. 17).

A dominação/exploração dos “nativos” teve um elemento imprescindível – a evangelização dos gentios. Para os colonizadores, as crenças, os credos e as religiões desses povos eram vistos como manifestações demoníacas, pagãs e pervertidas e cabia à igreja o papel de extirpar todo tipo de idolatria a deuses e conduzi-los para a fé cristã. Neste contexto, os colonizadores tratavam os “indígenas” como seres sem “alma” e “inferiores” em todos os sentidos – sujeitos vistos como coisas (SILVA; CAOVIALLA, 2018).

Não muito raro, os “negros” do continente africano que vieram para a América sob a condição de escravos passaram por processos semelhantes aos “indígenas”. A migração forçada, o trabalho compulsório e o regime de escravidão foram marcas registradas dos povos advindos da África. Destaca-se que tanto o termo “indígena” quanto “negro” são produções da cultura europeia ao classificar o critério racial como indicador de distinções entre culturas. Dessa forma, Quijano (2005) advém que:

São conhecidos os nomes dos mais desenvolvidos e sofisticados deles: astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas, etc. Trezentos anos mais

tarde todos eles reduziram-se a uma única identidade: *índios*. Esta nova identidade era racial, colonial e negativa. Assim também sucedeu com os povos trazidos forçadamente da futura África como escravos: archantes, iorubás, zulus, congos, bacongus, etc. No lapso de trezentos anos, todos eles não eram outra coisa além de *negros* (p. 116).

O capitalismo como sistema hegemônico é resultado das relações assimétricas e dissimétricas provenientes da consequência do padrão imposto pela dominação euro-cultural em relação aos povos submetidos e subversivos a este padrão. Nessa conjuntura, os “indígenas”, “negros” e “mestiços” na América foram incorporados à servidão, escravidão e de produção mercantil independente, formas de mercantilização, exploração e controle da força de trabalho associado ao capital e mercado global (*Ibidem*).

Essa mercantilização da força de trabalho “indígena”, “negra” ou “mestiça” é um mecanismo idealizador que: “aliado às concepções de progresso, modernização, crescimento, produtividade, consumo, o desenvolvimento como norma hierarquiza povos e saberes. Os que estão fora dessa ordem são tratados como ultrapassados, improdutivos, subdesenvolvidos” (OLIVEIRA, 2017, p. 15). Isto é nada mais que a aplicação do princípio da modernidade, como elemento instaurador do poder dominante colonial-europeu, excluindo, segregando e inferiorizando tudo aquilo que não faz parte desse conjunto.

No senso comum, a América Latina é vista como uma região que possui um passado histórico-colonial, cujo fator principal determinante para a região é o linguístico. Seguramente, as línguas neolatinas são predominantes na região, mas há de destacar que variedade linguística não é uma totalidade regional. Suriname, República da Guiana, Trinidad e Tobago e Antígua e Barbados, etc., não são países ou territórios que têm como língua oficial oriundo do latim, elas variam desde do inglês, holandês e do tronco germânico (MOYA, 2020).

As línguas dos "conquistadores" foram colocados como artifício de dominação/exploração em relação aos "conquistados". Esse processo de exploração "corroeu" e "exterminou" línguas nativas. Hoje, estima-se que aproximadamente 500 línguas nativas estão desaparecendo ou em extinção definitiva, de acordo com as informações repassadas na versão eletrônica do Jornal *El País* (EL PAÍS, 2019). A presença de idiomas nativos é uma realidade de Haiti, Guiana ou Nova Caledônia, Belize, Guiana, Antilhas e Antilhas Holandesas, fortemente colonizados pelos franceses, ingleses e holandeses. Isso ocorreu nas "possessões" ibéricas.

No Brasil, as línguas nativas foram proibidas no decurso de sua história, pois era exigência de seus colonizadores (BATTESTIN; BONATTI; QUINTO, 1999). Não só pela

variabilidade linguística é conhecida a América Latina, um mosaico de ritmos, sabores e no campo científico-tecnológico. Este último é ofuscado e omitido nos livros escolares e da história dita "universal". Grandes feitos foram influenciados ou criados por latino-americanos desde as primeiras invenções dos povos pré-colombianos até os dias atuais. Nesse conjunto, obras do mundo "moderno" como a televisão colorida, o foguete, a vacina contra a lepra, a pílula anticoncepcional, a tecnologia do telefone sem fio, entre outros, são alguns exemplos da "invisibilidade" e o "desconhecimento" da submissão ao pensamento colonial-eurocêntrico nos dias de hoje (INCRÍVELCLUB, 2020).

O passado agroexportador, a exploração de recursos naturais, as lutas pela terra e por habitações, as revoluções populares, os acordos e as formações de blocos regionais, a diversidade étnico-racial, o cenário político-econômico. A América Latina tem uma história que vai além do contexto europeu. Personagens e sujeitos marcados pelo esquecimento, vistos sob uma ótica de outrem, menosprezados, inferiorizados ou desmerecedores do processo de conhecimento - restrito para aqueles que mantêm o poder. A realidade latino-americana é muito mais do que aquilo mostrado nos livros, pois existem outros caminhos a serem trilhados e necessariamente devem ser desconstruídos e reconstruídos novos olhares, quebrando velhos padrões firmados em preconceitos e estereótipos, que serão abordados na próxima seção.

4 UM NOVO OLHAR PARA A AMÉRICA LATINA: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS NO LIVRO DIDÁTICO

No Brasil, os livros didáticos são adquiridos e distribuídos por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para todas as anos do ensino fundamental e médio. Apesar de haver controvérsias no meio acadêmico, os livros são as principais ferramentas usadas por professores e estudantes, um importante recurso pedagógico e metodológico, pois:

[...] o livro didático é também um depositário dos conteúdos escolares, suporte básico e sistematizador privilegiado dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares; e por seu intermediário que são passados os conhecimentos e técnicas consideradas fundamentais de uma sociedade em determinada época. O livro didático realiza uma transposição do saber acadêmico para o saber escolar no processo de explicitação curricular. Neste processo, ele cria padrões linguísticos e formas de comunicação específicas ao elaborar textos com vocabulários próprios, ordenando capítulos e conceitos, selecionando ilustrações, fazendo resumos etc. (BITTENCOURT, 1998, p.72).

O livro didático pode ser "porta-voz" da propagação da ideologia dominante. Geralmente, reduz e simplifica informações, mostrando aquilo que "supostamente" foi aceito

como "verdadeiro", às vezes, não provoca indagações, são carregados de "juízos de valor" que reproduzem estereótipos ou preconceitos nos diversos assuntos tratados. Esse lado "obsuro" do livro será abordado nesta seção, tendo como foco norteador desta pesquisa os conteúdos relacionados à América Latina no livro didático de geografia.

O livro didático analisado foi "Expedições Geográficas", de Melhem Adas e Sérgio Adas, da editora Moderna (ADAS; ADAS, 2015), destinado aos estudantes do 8º ano do ensino fundamental. O livro apresenta 8 unidades, divididas em 30 capítulos ou, como os autores chamam, "percursos". Nesse livro, os conteúdos da América, em especial da América Latina, foram concentrados em 6 unidades e 24 "percursos", totalizando 75% do conteúdo geral do livro. Os principais temas voltados para América e América Latina estão no gráfico abaixo (Figura 1).

Esses quatro aspectos não são os únicos tratados pelos autores, havendo uma proximidade entre os temas recorrentes da geografia combinando com outras disciplinas, promovendo a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. De modo geral, foram examinados alguns elementos imprescindíveis para esta pesquisa em relação ao conteúdo da América Latina, como: o conceito de América Latina, os povos originários, os estereótipos e os aspectos socioeconômicos.

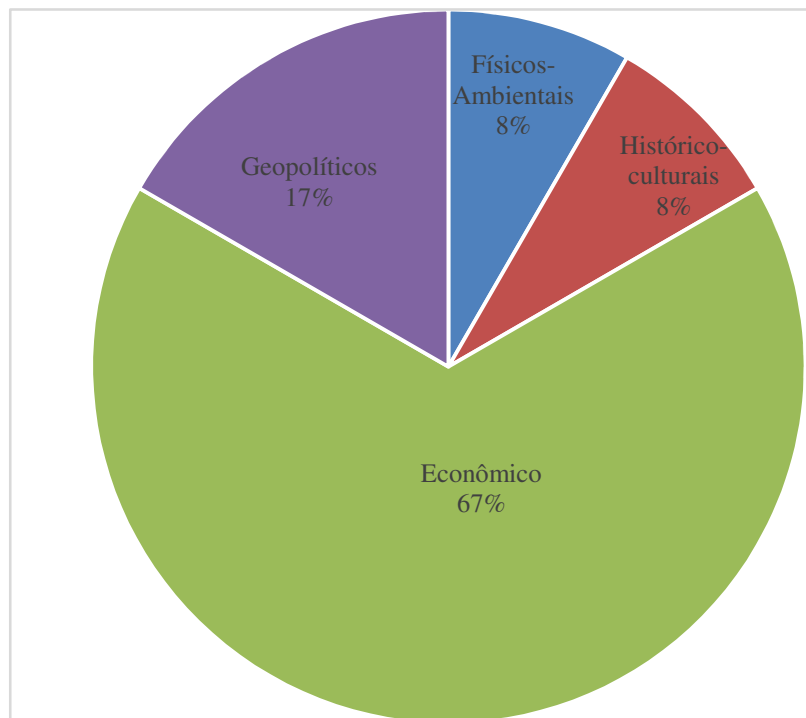


Figura 1: Gráfico - Categorias temáticas referentes à América no livro analisado. Fonte: elaborado pelo autor, 2020.

De forma sucinta, o livro retrata a América Latina a partir do fator linguístico. Seu conceito merece maior detalhamento e aprofundamento, pois:

O conceito de América – e posteriormente de América Latina – é uma construção semântica com implicações políticas, econômicas, epistêmicas e ética que surgiu e se impôs em detrimento de conceitualizações e denominações originárias deste continente (PORTO-GONÇALVES; QUENTAL, 2012, p. 31).

Da mesma forma, Dias (2009) pressupõe que os livros didáticos, especialmente de geografia, tratam a América Latina como região homogênea entre os países que a constituem e da continuidade do que seria a região.

A linguagem do livro é acessível ao público alvo - os alunos de 8º ano do ensino fundamental. Percebe-se um trabalho que possibilita o desenvolvimento de habilidades cognitivas, assimilação e decodificação das mensagens e informações contidas nas fotografias, mapas, gráficos, etc. Em relação às imagens, observa-se um detalhamento bem peculiar, o livro recorre a um recurso gráfico-visual -os infográficos, como modelo de interações de imagem, gráfico e texto, com apresentação de dados e informações sintetizadas, como é mostrado abaixo (Figura 2).

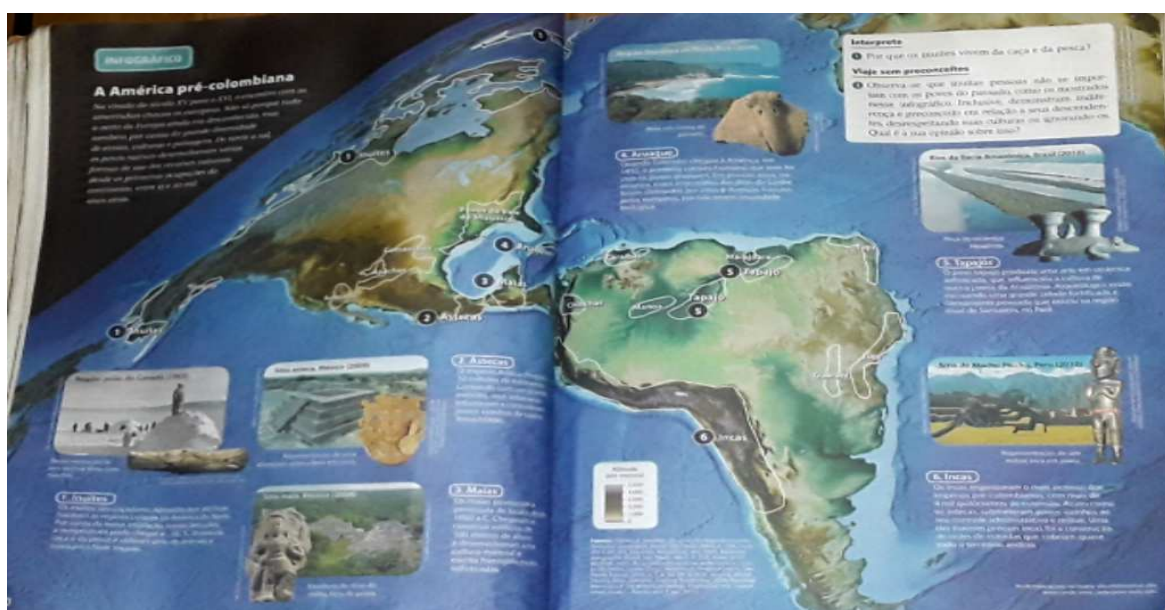


Figura 2: Infográfico: A América pré-colombiana. Fonte: Adas e Adas (2015). Foto: do autor, 2020.

Este infográfico refere-se aos povos antes da chegada dos colonizadores. No livro, há certa preocupação em não retratar esses povos de modo que reforce algum tipo de preconceito. Isso é notável na forma de abordar determinados temas. O livro não reforça

ideias deturpadas, depreciativas ou estereotipadas que denotam discriminação, ou uso, ou mau uso, de termos inadequadamente pejorativos. No entanto, falta problematizar questões associadas à situação atual desses povos na América Latina, como “ocupação” e invasão dos seus territórios, os movimentos sociais, as políticas públicas, etc. Temas pertinentes que merecem maior destaque e aprofundamento, como é observado por Sánchez (2017, p. 6); “Nesse quadro, os livros didáticos têm uma implicância séria na omissão da agência e da força de ação indígena, sendo esta restringida à dimensão da vítima ou do sujeito remanescente, quando está contemplada”.

Outra consideração diz respeito a classificar a América Latina como uma região homogênea, especialmente, quando foi criada a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), uma das cinco comissões das Nações Unidas. Essa entidade não considera a existência de conflitos de interesses distintos dentro de cada país, e entre os próprios países, dentro e fora da própria região (FIORI, 2013).

Como vimos, o principal foco no livro é referente aos aspectos econômicos, sem desmembrar com outras áreas da geografia e outras ciências. Aqui, a América toma o sentido de região a partir do nível de desenvolvimento. Esse modelo de regionalização é indicado pelos autores, que dividem o livro em 4 eixos correspondentes a uma classificação dos países americanos: os países desenvolvidos (Estados Unidos e Canadá); os países emergentes (Brasil, México e Argentina); os países com economia de base mineral (Chile, Bolívia, Peru, Guiana, Suriname, Jamaica, Venezuela e Trinidad e Tobago); e os países com economia de base agropecuária (Colômbia, Paraguai, Uruguai, Cuba, Haiti, República Dominicana e países da América Central ístmica. Nota-se que os três últimos eixos são referentes à América Latina e o termo “subdesenvolvidos” foram substituídos por designações diferenciadas nesse livro.

Tradicionalmente, os livros didáticos não apresentam uma abordagem desvinculada de preconceitos e estereótipos. Estes últimos são criados para representações generalizantes e de ideias reducionistas, pré-concebidas ou equivocadas de algo ou alguém. No que se refere às concepções estereotipadas da América Latina, Dias (2011, p. 3) afirma que: “a ideia de América Latina, para se manter com tal naturalidade, necessariamente invoca estereótipos e traços generalizantes nas culturas, economia, sociedade, etc.”.

São diferentes tipos de estereótipos que muitos livros ainda reproduzem sobre a América Latina e alguns deles estão associados aos fatos econômicos e sociais. Normalmente, generalizações de que a América Latina é uma região homogênea, de altos índices de violência e criminalidade, piores indicadores humanos, dependência tecnológica, o tráfico de drogas, etc.

Todos esses questionamentos e outros foram objetos de análise para esta pesquisa. Apresenta-se a seguir um quadro resumo dos principais pontos abordados no livro e como foram explanadas ao longo dos “percursos” e unidades, bem como os critérios utilizados para a análise (Quadro 1).

Um panorama como é mostrado anteriormente revela que o livro didático pode trabalhar temas e conteúdos sem desvincular da colonialidade e da visão eurocêntrica, mas a abordagem no livro também pode se desvincular de velhos padrões e paradigmas, mostrando um novo olhar - um olhar que desconstrói e reconstrói sujeitos subalternizados, inferiorizados pela história universal, contada através do padrão imposto por aqueles que detêm o poder em detrimento daqueles que a “história” nega contar nas páginas de livros.

Crítérios Seleccionados	Descrição do tema abordado
Origem do termo	Ausente.
Regionalização Aplicada	Predominantemente baseado no fator linguístico.
Características físico-ambientais	Baseado na concepção de paisagem natural e seus elementos constituídos, como: clima, vegetação, relevo, relevo, hidrografia e solo. Descrevem a América como uma região de diferenciação de áreas.
Características histórico-culturais	Simple descrição do processo de formação da América e das unidades que a constituem.
Características políticas e econômicas	Destaca-se a diferenciação dos países de acordo com o nível de desenvolvimento; a formação dos Estados latino-americanos e os projetos de integração: hispano-americanismo; pan-americanismo, etc.
Povos originários da América	São referenciados sem mencioná-los de forma preconceituosa e estereotipada, mas carece de uma maior abordagem e problematização da questão indígena atual.
Fotografias, mapas, gráficos, atividades do texto, etc.	São bem explorados no livro, explicativos e auxiliam na compreensão do texto e fora dele também. Estimulam o estudante a construir e desenvolver distintas habilidades.
Preconceitos e estereótipos	Não utiliza termos pejorativos, nem construções estereotipadas. Não há presença de preconceito de cor, origem, gênero, etc.

Quadro 1: Critérios avaliados no livro didático sobre os temas relacionados à América e à América Latina. Fonte: elaborado pelo autor, 2020.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, a pesquisa realizada explanou a abordagem da América Latina no livro didático, em três momentos distintos. O primeiro recorre às concepções de modernidade, raça e colonialidade do poder. Todas elas foram trazidas para fomentar a discussão de que a ideia de América Latina e tudo o que está relacionada a ela foram criações europeias para reforçar estereótipos, preconceitos, entre outros. A ideia de raça foi uma criação dos europeus para distinguir povos e suas culturas. A raça passou a ser o critério básico de diferenciação entre povos, como instrumento de manutenção do poder daqueles que se declararam “superiores”. Concebida com o “descobrimento” do continente americano, a raça ganhou forma e força que perdura até hoje, mesmo após o fim do “colonialismo”. Outra concepção exposta recai na concepção de modernidade. A modernidade foi outra forma de perpetuação do conhecimento hegemônico-europeu. Essa perpetuação do pensamento colonial-eurocêntrico, baseado na diferenciação de raças das populações mundiais - a colonialidade do poder é determinante para entendermos o modo como os povos ditos “subversivos” foram usados para justificar a “superioridade” racial e cultural dos europeus para os não europeus.

No segundo momento discutiu-se um conjunto de elementos que indicaram a diversidade sociocultural da América Latina, a influência da cultura colonialista-eurocêntrica e o modo como foi concebido certos termos e expressões. Estes foram produzidos pelos europeus para generalizarem indivíduos que não estavam dentro do imaginário europeu. Grupos heterogêneos foram reduzidos a novas identidades ou ressignificadas. Dessa criação, surgiram os “índios”, “negros” e “mestiços”. Percebe-se que a heterogeneidade da região foi “apagada” ao longo do tempo e nas diferentes relações espaciais.

A última discussão foi referente à análise do conteúdo sobre a América Latina no livro didático. O objeto de estudo desta pesquisa foi o livro “Expedições Geográficas”, de Melhem Adas e Sérgio Adas, do 8º ano do ensino fundamental (ADAS; ADAS, 2015). Foi constatada uma variedade de temas relacionados à América e à América Latina. De modo geral, é um livro de linguagem simples, não apresenta estereótipos, nem preconceitos de qualquer tipo, mas não abrange a possibilidade de incluir novos temas, nem problematizar questões pertinentes. Não chega a ser um livro com abordagem pós-marxista/decolonial, mas aproxima o aluno na compreensão diversificada de um mesmo tema. É um livro adequado e indicado mais por conter aspectos positivos em quantidade e qualidade em comparação aos aspectos negativos.

Desde já, o livro didático em geral precisa desvincular-se da perspectiva eurocêntrica e mostrar outras formas de abordar determinado tema. É preciso redirecionar o livro para um novo olhar que não seja o olhar eurocêntrico. Em suma, o livro deve contar a história dos sujeitos ditos “subalternizados”, “subversivos” ou “inferiorizados”. Sujeitos que tiveram suas histórias negadas e renegadas nas páginas dos livros. Desmitificar estereótipos reproduzidos pelo livro didático é uma forma de desconstruir e reconstruir a história dos “renegados”. Diante disso, o conteúdo sobre a América Latina nos livros didáticos de geografia devem ser repensados a partir da ótica decolonial e também como um instrumento de decolonização do saber dominante europeu.

GEOGRAPHY IN THE LATIN AMERICAN CONTEXT: DECOLONIZING STEREOTYPES REPRODUCED BY THE TEXTBOOK

ABSTRACT

This article aims at: understanding the content on Latin America in the textbook; identifying the process of European colonial domination in the region; discussing Latin American sociocultural diversity and analyzing the main recurring themes of Latin America in the textbook. But, after all, how does the textbook address the contents of Latin America? To understand this question, it is enough to understand that Latin America is seen as a homogeneous region loaded with stereotypes and prejudices. In view of this, a qualitative research was carried out, through bibliographic review and analysis of the textbook. This research is extremely important to demystify all pejorative and negative imaginary of Latin America in the textbooks of Geography and aims to deconstruct the Eurocentric thinking reproduced in school material. It was found that the book analyzed does not present stereotypes or prejudices, it is not post Marxist/decolonial, but in compensation the positive aspects stand out in relation to the negative ones, indicating a good material for studies and for the construction of the teaching-learning process.

Keywords: Latin America. Eurocentric Perspective. Coloniality of Power. Textbook. Stereotypes.

REFERÊNCIAS

ADAS, Melhem; ADAS, Sérgio. **Expedições Geográficas**. 8.o ano ensino fundamental. 2ª edição. Obra em 4 v. (6.o a 9.o anos) São Paulo: Moderna, 2015.

BATTESTIN, Cláudia; BONATTI, Jailson; QUINTO, Jeanice Rufino. A colonização e resistência dos povos originários da América Latina. **Revista Fórum Identidade**, Itabaiuna – SE, v. 30, n. 01, 2019.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. *In*: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

DIAS, Wagner da Silva. **A ideia da América Latina nos livros didáticos de geografia**. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 2009.

DIAS, Wagner da Silva. Qual América Latina? Os livros didáticos e suas referências teóricas para a construção da região. **Revista Geográfica da América Central**, Costa Rica, número especial, 2011.

INCRÍVELCLUB. Doze invenções latino-americanos que mudaram a história. 2020. Disponível em: <<https://incrivel.club/inspiracion-historias/12-inventos-latinoamericanos-que-moldearon-el-mundo-que-hoy-conocemos-830610/amp>>. Acesso em: 14 out. 2020.

FIORI, J. L. Estado e desenvolvimento na América Latina: notas para um novo “programa de pesquisa”. **CEPAL - COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE**, LC/BRS/R.286, Novembro de 2013.

HERA, Carlos. 500 línguas nativas que correm perigo na América Latina. **El País**, 2019. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553860893_490810.html?outputType=amp#aoh=16027176741355&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&_tf=Fonte%3A%20%251%24s>. Acesso em: 14 out. 2020.

LANDER, Edgardo. Marxismo, Eurocentrismo e colonialismo. *In*: BARON, Atilio; AMADEO, JANVIER; GONZÁLEZ. **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2006, p. 201-236.

MOYA, José. Migração e formação histórica da América Latina em perspectiva global. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 20, n. 49, set-dez 2018, p. 24-68.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de. Descolonizar os livros didáticos: raça, gênero e colonialidade nos livros de educação do campo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 68, 2017.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; QUENTAL, Pedro de Araújo. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional da América Latina. **Polis: Revista Latino-americano**, Centro de Investigación Sociedad y Políticas Públicas (CISPO), n. 31, 2012.

SÁNCHEZ, Daniel Guillermo Gordillo. Imagens, livro didático e colonialidade. **RELACULT** - Revista Latina-América de Estudos em Cultura e Sociedade, Foz de Iguaçu-PR, v. 3, n. 535, 2017.

SILVA, Rosana de Paula Lavall; CAOVIALLA, Maria Aparecida Lucca. A América Latina e os povos originários: sequelas da colonização. **Revista Direito e Justiça: Reflexões sócio-jurídicas**, Santo Ângelo, v. 18, n. 30, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Colección Sur Sur. Buenos Aires-Argentina: CLACSO, 2005.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novosrumos**, n. 37, 2002.

Recebido em 21/03/2021.

Aceito em 15/06/2021.